

## MEMORIES

**Roberto Rodrigues \***

É quase inevitável, na minha idade, que o final do ano traga lembranças dos principais acontecidos ao longo da vida. Todo mundo, invariavelmente, faz nesta época um balanço do ano que passou e analisa as possibilidades do que poderá ocorrer no próximo. Mas quando estamos chegando aos 80 anos, a experiência acumulada permite que essa análise seja mais crítica e objetiva.

Certa vez, recém-formado em agronomia, entrei sem querer numa discussão qualquer com um outro engenheiro agrônomo, mais velho do que eu. Devia ter uns 45 anos, mas aos meus olhos era já um senhor. Eu tinha certeza de estar com a razão, mas a uma altura do embate, que então já havia atraído alguns curiosos dada a elevação do tom de voz do meu antagonista, ele invocou sua experiência no assunto em comparação com a "verdura" dos meus anos. E aquele argumento me calou por alguns segundos, até que um outro senhor, advogado, já entrado nos sessenta, sentenciou em meu favor que "a experiência é apenas a soma dos fracassos". Nunca mais me esqueci dele, Rui de Oliveira, que também me ensinou outras coisas: "quando estiver subindo na vida, trate bem todo mundo que encontrar, porque vai encontrá-los de novo quando estiver descendo". E assim por diante.

Esta lembrança me trouxe de volta, agora pensando nas perspectivas do agronegócio para 2018, a memória de algumas pessoas que muito me ensinaram sobre este setor, e que, como Rui de Oliveira, já não estão entre nós. E o foco é o trabalho realizado durante a ANC- Assembleia Nacional Constituinte de 1987/88, que mudou o Brasil a partir da Constituição Cidadã.

Vale a pena citar alguns nomes. Na economia rural, o grande mestre foi Alberto Veiga, também agrônomo, um HOMEM extraordinário, liberal convicto, que foi o responsável pela Carta de Princípios da Frente Ampla da Agropecuária Brasileira, o farol que formou os conceitos dos produtores rurais profissionais no conturbado período da ANC.

Naquele período algumas lideranças foram fundamentais. No cooperativismo, avultou a figura de José de Campos Mello, advogado mineiro de Abaeté que, entre outras façanhas, escreveu a cartilha sobre Constituição e Constituinte, fundamental para o trabalho da Frente Parlamentar do Cooperativismo, que permitiu incluir na Carta Magna de 88 cerca de 5 artigos em defesa desse movimento socioeconômico. Também teve papel de destaque naquele tempo heroico o líder Paulo Roberto Cunha, goiano de Rio Verde, vice-presidente da OCB que se elegeu Deputado Federal Constituinte, responsável pelo artigo que deu às cooperativas de crédito isonomia em relação às demais instituições do sistema financeiro, viabilizando os atuais progressistas bancos cooperativos. Benjamin Hammerschmidt, paranaense da Lapa que exercia a Superintendência da OCB, foi o paladino da auto-gestão das cooperativas, também inscrita na Constituição. Dois grandes Deputados se destacaram nesta missão: Jonas Pinheiro e Roberto Cardoso Alves.

O leitor já se terá dado conta que estou citando apenas aqueles comandantes que já se foram desta para melhor, até porque falar de todos os que

ainda seguem defendendo o Brasil do agronegócio seria certeza de cometer injustiças pelo esquecimento de tantos e tão relevantes.

Outros craques iluminaram a estrada do agronegócio desde então, sendo necessário falar de Antônio Ernesto Werna de Salvo, mineiro de Curvelo que presidiu a FAEMG e depois deu rumos definitivos ao trabalho da CNA. Outros dois paranaenses, Paulo Carneiro e Moacir Micheletto, o gaúcho Adelar da Cunha, o fluminense Osvaldo Almeida, o mineiro José de Pereira Campos, o santista Edmundo de Castilho, foram muitos os que nos ensinaram caminhos com sua experiência dos embates enfrentados.

Pensando em seus ensinamentos, e olhando agora para 2018, ano de eleições que serão um ponto de inflexão na história brasileira, concluo que devemos deixar as "barbas de molho". Por diversas razões. Primeiro, porque estamos diante da necessidade de reformas cruciais para completar a agenda de retomada do desenvolvimento, reformas estas que muitos de nossos parlamentares consideram menos importantes do que sua própria reeleição.

Segundo, porque há ainda muita incompetência ou partidarização ideológica em organismos de governo que deveriam tratar do agronegócio na direção de sua competitividade. E isso nos deixa sem estratégias adequadas.

Terceiro, porque precisamos de mais líderes também na sociedade civil que se preocupem para além de seu quintal.

Quarto, porque a independência dos poderes, requisito absolutamente fundamental para o funcionamento equilibrado da democracia, está derrapando a todo instante: ou é o Supremo que muda o julgamento da constitucionalidade do Funrural, ou é parcela da Justiça do Trabalho que não aceita a reforma da legislação trabalhista, ou é a sequência de MPs, ou é a contestação, na Justiça, do Código Florestal sancionado há mais de 5 anos (e que por isso não entra em vigor na plenitude), entre outros enroscos.

Quinto, porque a proximidade das eleições provoca o radicalismo ideológico com as consequentes invencionices publicados sem a menor vergonha, distorcendo a realidade e enganando gente desinformada.

Tudo isso leva à frase de um "pensador" também já falecido, Otavio de Souza, pescador semianalfabeto com quem tive o privilégio de conviver muitos anos nas margens do rio Mogi.

De uma feita, estando diante de uma decisão crucial para o resto da vida, fui ao seu rancho e pedi para ficar sozinho e quieto, que só queria pensar para resolver o futuro. Depois de umas duas horas, sozinho e absorto, ele se aproximou e disse com a doçura dos valentes: "não sei o que tanto o preocupa, mas o que vale na vida são as coisas simples".

É mesmo. Para que complicar tudo? Mas é o que fazemos sempre. Não vamos complicar em 2018. Vamos tratar dos interesses nacionais acima de tudo, seja pressionando pelas reformas, seja quanto à recuperação da economia, seja quanto às eleições, seja também quanto ao agronegócio, com sustentabilidade, equilíbrio e grandeza.

A mesma grandeza de 2 grandes campeões daqueles tempos bicudos da ANC, sobre os quais é imperioso falar embora ainda estejam firmes e ativos na trincheira: Alysson Paolinelli, o pai da moderna agricultura brasileira, que era

Presidente da CNA e Deputado Constituinte e nos orientou com segurança sobre os meandros da política; e Flavio Telles de Menezes, Presidente da SRB, o jurista que com seu saber ilimitado iluminou as ações das lideranças da classe e do Parlamento na redação dos temas cruciais para o nosso setor. Ambos compartilharam com enorme competência o comando do time que trabalhou sem descanso para nos dar a base essencial para que estivéssemos hoje discutindo o futuro próximo.

E é em memória destas grandes personalidades, os que se foram e os que seguem, que podemos desejar a todos os brasileiros um Feliz Natal é um excelente 2018.

**\* Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getulio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terceiras segundas-feiras do mês**